Apresentação

Foi com grande satisfação que aceitei o convite para organizar este número do *Cadernos Pagu*, especialmente o dossiê sobre curso da vida adulta e gerações; mais uma vez, o Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu inova, propondo desafios que merecem ser enfrentados. Tanto a teoria como a prática feminista têm dado pouca atenção para o curso da vida adulta e para os temas relacionados com a velhice. A preocupação com os processos de socialização direcionou estudos e pesquisas para a infância e a adolescência tidas como etapas fundamentais na construção das relações de gênero. O interesse em tomar mais complexas noções como dominação masculina, revelando seus limites, ou de aprofundar as críticas aos essencialismos, que sub-repticiamente se alojam no pensamento e na prática feminista, privilegiou a reflexão sobre as particularidades nacionais, étnicas e de classe social. Mas o envelhecimento e as diferenças de idade e de geração não encontraram o espaço devido no campo do feminismo, nele permanecendo inteiramente marginais. Da mesma forma, na gerontologia e nos estudos voltados para as etapas mais avançadas da vida a discussão sobre questões de gênero está praticamente ausente. Os trabalhos de cunho sociológico raramente vão além da constatação de que o número das mulheres velhas é maior que o dos homens e que esta diferença cresce em todo o mundo.

Essa ausência de interlocução entre esses dois campos é lamentável por várias razões. Comparar a construção do sexo e das idades poderia redobrar os esforços investidos nos debates sobre as categorias culturalmente produzidas, que têm como referência supostos processos biológicos universais. Além disso, sexo e idade são formas privilegiadas de segmentação das populações transformadas em objeto de políticas públicas ou discursos científicos especializados. Portanto, justapor a maneira pela qual cada uma delas opera permite complexificar as

discussões sobre a configuração das relações de poder e dominação.

Contudo, na reflexão sobre gênero e envelhecimento é forte a tentação de tornar uma oposição binária como um dado, um estado da natureza, remetendo à uma suposta condição feminina universal, a hipotética universalidade da condição da velhice. Desta perspectiva, a teorização segue caminhos diversos, fechando o debate num círculo sem saída. Para alguns autores, a androginia caracterizaria as etapas mais avançadas da vida. Valores e atitudes considerados tipicamente masculinos ou femininos tenderiam a se misturar na velhice. Ou, ainda, o envelhecimento envolveria uma masculinização das mulheres e uma feminização dos homens, de forma que as diferenças se dissolveriam na normalidade unissex da idade avançada.

Contra esta visão, uma dissociação é operada entre as figuras criadas do "velho" e da "velha", cujas experiências são apressadamente qualificadas de modo mais ou menos otimista. Considera-se, assim, que as mulheres na velhice experimentariam uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação – como mulher e como idosa. Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria caracterizada por uma série de eventos associados a perdas como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade. Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a esse conjunto de perdas somam-se o subemprego, os baixos salários, o isolamento e a dependência, que caracterizariam a condição das mulheres de mais idade.

Ou então, inversamente, argumenta-se também que o envelhecimento feminino é mais suave que o masculino. A mulher não experimenta uma ruptura em relação ao trabalho tão violenta como a dos homens na aposentadoria. Os vínculos afetivos entre

filhos e mães são mais intensos, e por isso os filhos estão mais dispostos a cuidar delas do que de seus pais idosos. Os controles sobre a mulher na velhice são afrouxados, posto que ela já não detém a função procriativa e, mesmo nas sociedades em que são elas as transmissoras de herança, esse controle é sempre maior ao longo da vida jovem e adulta do que na velhice. Além disso, estando a mulher habituada a mudanças drásticas em seu organismo e capacidade física, por causa da procriação, da gravidez, da lactância e da menstruação, ela desenvolve mecanismos que lhe permitem enfrentar melhor do que os homens as transformações que ocorrem com a velhice.

Os debates no interior do feminismo poderiam, certamente, sofisticar tal corpo de premissas, dissolvendo o círculo vicioso que caracteriza este debate na gerontologia, como mostra Tamara Hareven, tratando de maneira exemplar as "Novas Imagens do Envelhecimento e a Construção Social do Curso da Vida", artigo que abre o dossiê.

Contudo, propor uma interlocução efetiva entre a gerontologia e as teorias feministas não é uma tarefa fácil, entre outras razões, porque abordar as diferenças de idade e as etapas mais avançadas da vida é também tirar do centro do debate algumas das pedras de toque da reflexão sobre as continuidades na condição feminina. A universalidade da dominação esbarra nos vários exemplos de estruturas políticas ancoradas no poder dos mais velhos. A oposição entre público e privado, que associa a subordinação da mulher à esfera doméstica, ganha novas significações quando se insiste no modo como a oposição entre jovens e velhos é construída em diferentes contextos. O fato de a mobilidade ao longo do curso da vida tomar evidente que as identidades que se pretende fixar a cada etapa não são permanentes, nem constantes, desestabiliza a coerência e a unidade que toda noção de identidade social pressupõe.

São essas as questões que os artigos que compõem este dossiê tratam de problematizar. Explorando situações em que homens ou mulheres são envolvidos por processos de

envelhecimento social, os textos trazem resultados de pesquisas em diferentes disciplinas, conduzidas 'por enfoques teóricos e metodológicos diversos. As descrições de recortes empíricos bem contextualizados oferecem elementos imprescindíveis para a discussão sobre a criação de classes de idade, etapas da vida e conflitos de geração. Mostram ainda, em detalhes, como assimetrias insignificantes podem ser transformadas em turbulentas oposições irreconciliáveis.

Produzir Gênero em gerações foi, portanto, apostar que o estudo de formas distintas de construção de diferenças é um material privilegiado para alargar nossa compreensão dos processos de classificação e hierarquização dos seres humanos.

Os artigos que compõem esse número, ao problematizar questões de gênero, tratando de temáticas diversas em diferentes áreas disciplinares, completam o dossiê, desafiando com novas munições as formas de classificação e hierarquização.

Guita Grin Oebert